

## Reportagem Especial \*

### Série: Guerra das águas



**NA WEB**  
Guerra das águas. Este é o último capítulo da série. Acompanhe o especial completo [estadao.com.br/e/guerradasaguas](http://estadao.com.br/e/guerradasaguas)

**Jales.**  
Ednaldo retira água de poço de 110 metros



**Patrícia Campores / TEXTO**  
**Dieta Sampião / FOTOS E VÍDEOS**

**P**ara encontrar água, produtores rurais, companhias de abastecimento e fábricas do Estado de São Paulo precisam cavar cada vez mais fundo. O uso descontrolado dos mananciais, sem fiscalização do poder público, fez aparecer o fenômeno das "cidades sem rio".

As delegacias paulistas registram uma média diária de seis casos de disputa por água. Há dez anos, porém, esse índice era próximo de zero. Dados inéditos do Departamento de Águas e Energia Elétrica revelam que os conflitos passaram de 124, em 2009, para 1.097 em 2018, aumento de 718% em dez anos.

Em uma década, o Estado de São Paulo registrou 8.974 casos de disputa por água. São notificações de infrações em que usuários do manancial tentam burlar o sistema de captação para retirar mais água do que o permitido. Esses números não levam em conta as ocorrências de furto de água, ameaças e casos de construções irregulares de barragens e desvios de rios registrados pela Polícia Militar, por meio do policiamento ambiental — 2.942 ocorrências, nos últimos três anos.

Somados os números da Polícia Militar com os do Departamento de Águas e Energia Elétrica (Daee), chegaríamos a 7.017 ocorrências, apenas nos últimos três anos, uma média de 6,4 conflitos por dia, o que põe São Paulo entre as regiões com maiores focos de tensão do País.

Em muitos casos, os conflitos por causa de água se travam em regiões onde nem mesmo existem rios. As águas do solo já foram todas sugadas pelas bombas de irrigação e a briga se dá, agora, pelo líquido do subterrâneo, dos aquíferos.

Na principal rua de Jales, município paulista de 50 mil habitantes, funcionam três perfuradoras. O agricultor Ednaldo Eder Zambom, 47 anos, lembra que até pouco tempo atrás havia mais água nos rios e riachos da região. O córrego Mataçizinho foi traçado pela irrigação e pela abertura de poços artesanais de grande profundidade. "Agora, a água nossa aqui é tudo de poço. Tem um córrego lá embaixo, mas não tem água suficiente. A água vai indo cada vez mais embora", disse. Famílias vizinhas desistiram da agricultura. "Falta estímulo."

Um estudo da Agência Nacional de Águas obtido pelo Estado destaca que, em São Paulo, o Sistema Cantareira foi abalado pela crise hídrica ocorrida em 2014 e 2015. "Houve uma série de conflitos internos no Estado, envolvendo o abastecimento da Região Metropolitana de São Paulo, na bacia do Alto Tietê, e da Região Metropolitana de Campinas, na bacia dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí."

Os dados do Daee reforçam o que sustenta o relatório. Do início de 2013 para o fim de 2015, ápice da crise, o número de infrações envolvidas disputas por água no Estado saltou de 260 para 1.874.

## EM SÃO PAULO, SEIS CONFLITOS POR ÁGUA A CADA DIA

Há dez anos, esse índice era perto de zero no Estado; uso sem controle dos mananciais fez surgir as 'cidades sem rio'



Poço. 'Preciso buscar água um dia em cada canto', diz Olerina Santos (à dir.), de São Salvador do Tocantins



'Longe do rio'. Crianças oiaíes, de Brasilândia, em Mato Grosso do Sul

### Tocantins, um rio que deixou de correr

Um dos rios do cerrado que mais fascinaram antigos naturalistas pela variedade de plantas e animais, o Tocantins deixou de correr em muitos trechos. O curso foi afetado pelas hidrelétricas construídas nos governos Lula e Dilma Rousseff. O uso de suas águas para mover turbinas impactou o fluxo. Das cabeceiras, no interior de Goiás, às grandes usinas no Tocantins, a reportagem registrou histórias de ribeirinhos que foram deslocados das margens do

rio para áreas sem acesso à água. A Vila Retiro, no município de São Salvador do Tocantins, uma comunidade de pescadores e pequenos agricultores nas proximidades do Tocantins, foi afetada em 2006 pela construção de uma barragem para geração de energia. Centenas de propriedades rurais foram alagadas. A obra da Usina Hidrelétrica Peixe Angical represou o Tocantins na altura de Retiro. Após o início de sua operação, os moradores foram impedidos de tocar na água. O lago é vigiado por seguranças da usina e policiais militares. Os sítiantes, por sua vez, reclamam da dificuldade de ven-

### ONDE FICA



cer a burocracia da outorga da Agência Nacional de Águas (ANA). "Antes, tinha mais gente, fatura e roça. Hoje, Retiro é uma vila fantasma. Os mais novos foram para Goiânia. A vila não tem nada para oferecer", disse o comerciante Olicio Tavares, 55 anos. "Fizeram um assentamento, mas à água o povo não teve mais acesso." Ele contou que, antes de a água subir, a vila tinha 800 moradores. Com a cheia, só 300 permaneceram. "Ficou apenas o pessoal que vive de Bolsa Família. De produção não tem como viver."

O agricultor Teodoro Conceição dos Santos, 74 anos, disse que levou

menos de dois anos para o córrego Mato Seco "desaparecer do mapa". "Agora só se tem água nos poços e nas cisternas abastecidas pelos pipas", afirmou ele, em uma referência ao caminhão usado para o abastecimento. "O pipa aparece uma semana depois que a água acabou e o povo já está com sede, mesmo tendo esse lago imenso aqui do lado."

Manoel Araujo dos Santos, de 84 anos, viu sua propriedade ser completamente alagada pelas águas da usina. Em 2006, ele recebeu uma indenização pela terra que, disse, não deu para construir uma casa. Chefe de uma família de oito pessoas, deixou de ser agricultor para viver de auxílio do governo. "Com o decorrer do ano, o poço vai secando e afundando cada vez mais."

Procurada pelo Estado, a Agência Nacional de Águas negou que esteja dificultando as autorizações, responsabilizou a hidrelétrica e apontou problemas agrários na região. "Não há qualquer restrição de parte da ANA à emissão de outorgas para captação de água no reservatório", disse a agência. "A água ali armazenada é um bem público, portanto não pertence à hidrelétrica. É possível que haja alguma confusão sobre a propriedade, áreas lineares ao reservatório (...) um conflito fundiário, e não de uso de água."

Concessionária da Usina Hidrelétrica Peixe Angical, a Enerpeixe afirmou que as famílias interessadas em retirar água do Tocantins devem procurar a ANA. "A companhia acrescentou que foram desenvolvidos vários projetos agrícolas com as 97 famílias ribeirinhas afetadas pela formação do reservatório, realocadas nos seis projetos de reassentamento rural implantados pela empresa", ressaltou a concessionária.

### Oiaíes estão vivos, mas longe da água

Os índios oiaíes-xavantes, antigos moradores das margens do Rio Paraná, região onde hoje é Mato Grosso do Sul, vivem agora a 40 quilômetros das águas. O governo retirou a aldeia de perto do curso, em 1997, para a construção da Usina Hidrelétrica Porto Primavera, atual Engenheiro Sérgio Motta. Mas o lago formado não atingiu o lugar onde ficavam suas malocas.

Crianças acompanharam com atenção e desconfiança a chegada da reportagem à aldeia, em Brasilândia (MS). Os homens disputavam um campeonato de bocha, um grupo de adolescentes escutava funk e meninas e meninas jogavam futebol com uma bola de couro murcha.

O professor oiaí Silvano de Moraes, de 35 anos, coordenador de educação indígena, contou que a aldeia sempre considerou o Rio Paraná sua casa. "Eu nasci lá, num lugar abundante de água. Hoje, se voce joga uma criança dentro da água é igual a lançar um machado sem cabo. Cai e afunda, pois não sabe nadar." A resistência para voltar para perto das águas continua. "Nos brigamos sem armas. Nossa arma hoje é o lápis e a caneta. Temos que estudar a Constituição de 1988."